



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A PEDAGOGIA CORPORAL NA SOCIEDADE DO CONSUMO: CORPOS MAGROS ATIVOS E INDEPENDENTES

Patrícia Carvalho Redigolo¹

1. Introdução

O estudo aborda uma investigação inicial acerca da pedagogia corporal, da sociedade de consumo e as imagens de corpos desejáveis, belos, saudáveis, magros, invejáveis e, portanto “consumíveis” que a propaganda nos impõe; busca análises possíveis na reflexão sobre as práticas pedagógicas e suas finalidades e a sociologia da educação e seus estudos sobre o corpo.

O artigo está divide-se em: as práticas pedagógicas e seus significados; discussão sobre o corpo nos modos de conhecer; e a proposta de uma pedagogia corporal partir da fenomenologia.

Como educar o corpo de modo a garantir ao sujeito um espaço de liberdade, criação, invenção, e intersubjetividade? Como propor e vivenciar práticas pedagógicas que valorizem a formação do ser no e com o mundo, porém, ser, limitar excessivamente, condicioná-lo às praticas repetitivas e empobrecidas? Qual a finalidade da pedagogia corporal? Quais os pressupostos de tais práticas pedagógicas? Qual a finalidade da Educação Física na produção e vivencia de tais práticas?

Para abordar os questionamentos apresentados buscamos como referencial teórico os estudos sobre desempenho do corpo Evans (2013) Apple (2013); sobre pedagogia corporal Sofiste (2016).

2. As Práticas Pedagógicas e seus fins

As práticas pedagógicas e organizacionais carregam as marcas das finalidades a que servem interesses de classes sociais, valores e status marcam os corpos dos indivíduos, classificam, e os posicionam em uma sociedade de consumo como a que estamos mergulhados.

¹ Mestre em Letras. Universidade Federal do Acre. E-mail: pat.redigolo@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Essas formas agem sobre os corpos de modo naturalizado, indicando os caminhos para o autocontrole e a autonomia. Diferenciações como sexo, idade, capacidade, classe social, status operacional potencial.

Por exemplo, apartam-se meninos e meninas, ricos e pobres, negros e brancos, “vencedores e perdedores”; impondo um mapeamento dos corpos produzindo relações sociais que enaltecem semelhanças e diferenças, vinculadas a filosofia, ideologia e natureza do tipo de educação que se deseja defender.

Portanto, afirma Evans (2013, p. 227):

O corpo sempre foi enfatizado na organização da educação, por meio de suas classificações e enquadramento da pedagogia, do currículo e de técnicas de avaliação, em virtude de uma missão de alocar posição e privilégio e distribuir sucesso, status e valor.

O disciplinamento, punições, premiações, regras e avaliações são mecanismos nos quais as escolas promovem ações afirmativas, danosas ou ampliam “a corporalidade dos indivíduos no lugar, no espaço e no tempo”.

As práticas pedagógicas e organizacionais, institucionais são constantemente objetos de estudo, pois cada sociedade e seu contexto histórico produzem suas práticas sociais, pedagógicas e organizacionais. Os estudos de Maria Amélia Santoro Franco (2012) auxiliam a pensar tais práticas, a autora conceitua: “são práticas que se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social”.

Deste modo, toda e qualquer prática pedagógica carrega em si suas finalidades e modos de ser, sentir, pensar, agir e estar no/com o mundo; põe em funcionamento modos de cuidar de si, de relacionar consigo, com seu próprio corpo; estabelece ideais, padrões, normas para apresentar-se; propõe imagens de corpos ideais, modelos que não correspondem às culturas em os jovens estão mergulhados.

Com isso, queremos afirmar que certos modelos e ideais não dialogam com a cultura, a educação, os modos de vida de crianças e adolescentes, no entanto tornam-se modelos de beleza, sucesso, inteligência; em um processo



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Se vivemos o mundo de corpo-alma-mente-espírito produzimos conhecimento nessa relação, por meio das percepções do corpo, dos significados que atribuímos ao mundo, aos objetos. Segue a fala do autor para corroborar:

O desdobramento do método se dá na análise intencional, cujo, princípio fundamental é a intencionalidade da consciência: a consciência é sempre consciência de alguma coisa, ela só é consciência estando dirigida a um objeto. Não se trata de pensar que o objeto está contido na consciência, mas que só tem seu sentido de objeto para uma consciência, que sua essência é sempre o termo de uma visada de significação e que sem essa visada não se poderia falar de objeto, nem de uma essência de objeto.

A análise intencional se dará a partir do objeto percebido, do ato de percepção do objeto que é a vivência original, da relação entre sujeito e o objeto se produz conhecimento. Desse modo:

O princípio da intencionalidade o objeto é sempre objeto para a consciência, portanto, não é objeto em si, mas objeto vivido, pensado, imaginado etc. Consciência e objeto não são duas entidades separadas na natureza, mas se definem respectivamente a partir desta correlação. Cabe ao fenomenológico elucidar a essência dessa correlação.

O mundo, portanto, como algo inesgotável para se conhecer, não é algo que penso, mas é algo que vivo, me relaciono, me comunico, questiono, modifico, (re) construo; enfim estar no mundo e viver no mundo exige a presença de um corpo atuante, pensante, o qual sofre, é afetado pelo mundo.

Sofiste afirma:

O corpo é, indiscutivelmente, uma realidade material, talvez por essa razão, que se difundiu, a partir de Descartes, o hábito de aplicar o método experimental ao estudo da corporeidade, reduzindo-o a uma coisa, uma máquina, com leis mecânicas perfeitamente calculáveis. A fenomenologia é uma reação contra estas pretensões. Para Husserl a ciência experimental é excelente para lidar com o mundo das coisas, no entanto, diz pouco a respeito do mundo humano. A fenomenologia é a tentativa de fundação de uma ciência do humano. Para a fenomenologia, o corpo é sim um objeto físico, mas é primeiramente, isto é, experimentado, vivido, sentido, amado e, fundamentalmente, significado.

Sendo assim, a fenomenologia faz nascer uma nova epistemologia, em que o corpo é uma das categorias no processo de conhecimento, pois conhecemos com o corpo.

Assim, viver é estar no mundo, refletindo-o e nele se refletindo. A percepção seria a chave para esse entendimento e a construção da realidade. Como a percepção se dá através do corpo, este seria, simultaneamente, sujeito e objeto. O filósofo tenta solucionar tal dualidade através de uma unidade de abstração: o corpo como "coisa pensante" e "objeto pensado" ao mesmo tempo, ou seja, o que pensa e sente e o que se torna objeto de pensamentos. Essa dupla propriedade o coloca na ordem do objeto, de um



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

lado, e na ordem do sujeito, de outro, mas sem dissolvê-lo, sem desagregar as duas propriedades.

Entendemos que, a apreensão do mundos, da compreensão dos objetos se dá por meio do corpo, negá-lo é fragmentar as possibilidades dessa apreensão infindável, observamos:

Para Merleau-Ponty estar no mundo é, mediante o corpo, instalar-se nos objetos. Para aprender a dançar, o corpo pega uma significação, a compreende. Uma mulher consegue andar com seu grande chapéu de plumas sem esbarrar em nada, dirigimos um automóvel e sabemos exatamente se ele consegue passar por estreitas ruelas, a bengala do cego torna-se análoga ao olhar. Esses objetos fazem parte do volume de nosso corpo. Ser corpo é estar atado a certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço; ele é no espaço. Eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou o meu corpo. Aprender a ver as coisas é adquirir certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio é enriquecer e reorganizar o esquema corporal. Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é um objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio. O corpo não é um objeto partes extras partes, é uma totalidade (unidade) que me permite ser, amar, odiar, rezar, tomar posse, estar no mundo, morrer e fundamentalmente, conhecer.

Nesse sentido as coisas são pensadas a partir do saber de si ao saber do objeto. Entrar em relação com as coisas é estar em relação consigo mesmo, não há como dizer um mundo pronto e acabado sem a mediação do sujeito e o objeto.

4. Em defesa de uma pedagogia corporal

Defendemos uma pedagogia do corpo - do corpo inteiro - das sensibilidades, das percepções, da relação sujeito e o objeto na construção de novos sentidos e novas práticas. No estudo de Sofiste encontramos um arcabouço para apoiar nossa perspectiva,

Uma pedagogia convencida de que aprendemos com o corpo significa, do ponto de vista epistemológico, um rompimento radical com o paradigma moderno de que somos uma substância pensante, portanto, também com as pedagogias mentalistas. Pensar uma educação corporalizada exige um repensar toda a estrutura educacional, do currículo à arquitetura das instituições, como por exemplo: se é verdade que aprendemos com o corpo, uma das formas eficientes para tornar os estudantes amigos (filia) dos livros é mediante a relação corporal, portanto, a escola deveria ser uma biblioteca. Segundo essa pedagogia tem pouco sentido os discursos do tipo: “ler é importante”; “ler é um exercício”; “ler é viajar” se os estudantes não têm contacto com livros e raramente veem alguém lendo.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

É necessário discutir e inserir na formação docente, inicial e/ou continuada tais discussões, colocar em pauta, abrir para o debate a temática; bem como, ressignificar as relações sociais dentro da escola; a discussão crítica busca conhecer, identificar, compreender e analisar essas formas e práticas pedagógicas na produção desses referidos *corpos desejáveis*, as quais se situam no âmbito das instituições sociais e nos discursos da área da saúde.

O corpo, saúde e educação a partir das categorias corporais dadas como ideais aspiracionais desejáveis, e promovidas pela pedagogia corporal em que se valoriza a desempenho dos indivíduos. A problemática posta nos faz questionar: Como os indivíduos são moldados e gravados com significado social, status e valor por meio de práticas organizacionais e pedagógicas que refletem interesses e ideais culturais e de classe particulares na escola?

As práticas pedagógicas e organizacionais carregam as marcas das finalidades a que servem interesses de classes sociais, valores e status marcam os corpos dos indivíduos, classificam, e os posicionam em uma sociedade de consumo como a que estamos mergulhados.

Tais práticas impõe um mapeamento dos corpos produzindo relações sociais que enaltecem semelhanças e diferenças, vinculadas à filosofia, ideologia e natureza do tipo de educação que se deseja defender.

A necessidade de se produzir estudos, debates, que promovam a reflexão crítica sobre esta temática, expondo à problemática e fazendo de nossas análises um lugar de proposição e combate a práticas conservadoras, discriminatórias e acríticas, se faz urgente pensar a corporalidade e a aprendizagem como temática de estudos e análises no campo da sociologia da educação, nos cursos de formação de professores, nas licenciaturas e no currículo da escola básica.

6. Referências Bibliográficas

APPLE, M. (orgs.); **Sociologia da educação: análise internacional**. Organizadores: Michael W. Apple, Stephen J. Ball, Luís Armando Gandim; tradução

